

Ano 22 • Número 16 • 27 de abril de 2020

Taxa de desemprego deve saltar para 17,8% ao longo do ano

O crash do preço do petróleo: expectativa positiva, mas nem tanto

Confiança da indústria gaúcha desaba em abril

Crise derrubou indústria gaúcha em março e perspectivas são pessimistas

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Taxa de desemprego deve saltar para 17,8% ao longo do ano

Em fevereiro, antes da economia ser impactada pelos efeitos do coronavírus, as estatísticas do mercado de trabalho encerraram o mês com o mesmo resultado do seu passado recente. A taxa de desemprego do trimestre móvel terminado em fevereiro foi de 11,6%, enquanto que no mesmo período do ano passado, a taxa foi de 12,4%. A taxa dessazonalizada foi 0,04 p.p. menor que o trimestre móvel terminado em janeiro, estabilizando em 11,4%.

Entretanto, esse cenário de resultados positivos não estará no horizonte de médio e longo prazo do mercado de trabalho. O Boletim Macro publicado na última sexta-feira pela Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) deixa isso muito claro. O instituto prevê que os efeitos da pandemia já serão nítidos no resultado de março, que elevará o observado na série dessazonalizada em fevereiro em mais de 0,6 p.p. Já a projeção para a desocupação ao longo do ano é de uma média de 17,8%, configurando um aumento de 6 p.p. em relação ao ano passado.

A principal razão do aumento da desocupação (e sua duração) é o perfil da crise econômica. Diferentemente da crise financeira de 2008, a atual é, na sua origem, uma crise de saúde. Como ainda não se encontrou um tratamento viável e seguro para combater o vírus, líderes do mundo inteiro impõe o distanciamento social como forma de lidar com essa crise. Mas tal atitude atinge em cheio o setor de Serviços, que, no caso do Brasil, representa mais de

70% do PIB e, conseqüentemente, o setor que mais emprega no país.

Com o inevitável aumento do desemprego, a renda das famílias também diminuirá. O Ibre prevê que o rendimento efetivo do trabalho, na média do ano, terá uma queda de 8,6% em relação a 2019. Dessa maneira, o rendimento médio do trabalhador em 2020 será de aproximadamente R\$ 2.206, frente a R\$ 2.413 no ano anterior. Isso irá afetar a massa de rendimentos efetivos do trabalho (MRT), que é a soma dos rendimentos de todas as pessoas ocupadas, com previsão de forte queda de 14,4%. Mas o menor nível de população ocupada, prevista para cair em 6,6%, também contribuirá para essa queda. A instituição ainda destaca que, no final do ano, a MRT estará 3,2% abaixo do seu menor nível desde o início da série histórica, em 2012. Isso tem relação direta com a variação do Consumo das Famílias, projetado em -4% pelo Ibre.

Já a massa ampliada de rendimentos (MAR), que inclui benefícios de proteção social e previdenciários, registraria uma queda da ordem de 10% caso não houvesse o auxílio emergencial e o programa antidesemprego. Incluindo tais medidas de compensação, a queda na MAR é atenuada para 5%.

Uma elevada taxa de desemprego por período longo dificulta o reingresso das pessoas no mercado de trabalho. A extensão da crise será determinante para a velocidade da recuperação do mercado de trabalho nos próximos anos.

O crash do preço do petróleo: expectativa positiva, mas nem tanto

O *crash* do preço do petróleo é resultado do enfraquecimento das economias que comandam o cartel da OPEP e da consolidação de fontes alternativas de energia. Na primeira quinzena de março, a procura por petróleo estava diminuindo, em reflexo à menor atividade global, o que pressionou o preço do barril para baixo. A Arábia Saudita, portanto, propôs à Opep e seus aliados diminuir a produção, na tentativa de frear a queda no preço.

Entretanto, a Rússia se opôs, por acreditar que a redução seria benéfica ao mercado de gás de xisto, que é dominado por empresas de origem norte-americana. O raciocínio russo era de que se o preço do petróleo de fato baixasse ela poderia competir com o gás de xisto no mercado internacional de energia. Como a Rússia rejeitou o acordo, a Arábia Saudita decidiu aumentar a oferta de barris de petróleo com descontos.

Em 12 de abril, a Opep e seus aliados se reuniram novamente, e acordaram na redução da produção de petróleo em 9,7 milhões de barris por dia, o que equivale a 10% da produção da mundial. O acordo tem duração de dois meses e sua vigência é a partir de 1º de maio, mas já há previsão de corte para o 2º semestre.

Mas a disputa geopolítica em março desencadeou um desequilíbrio das capacidades de armazenamento,

praticamente esgotando a capacidade de estoque.

O cenário dos estoques é especialmente crítico nos EUA. Em 20 de abril, o contrato futuro do WTI, para entrega em maio, recuou 306%, a -US\$ 37,63 por barril, atingindo território negativo pela primeira vez na história. Com preços negativos, os produtores na verdade pagam para vender, o que reflete o alto custo para estocagem.

Outra cotação que serve de referência é do petróleo Brent, produto europeu negociado na bolsa de Londres. Como sua extração é feita, na sua maior parte, no mar, contrário do americano, isso facilita que o produto seja transportado em navio. Além disso, os navios servem como local de estoque, o que atenua o custo dessa variável para os produtores. Por isso, o Brent não atingiu patamares de preço de negativo, porém também foi impactado fortemente. Em 21 de abril, fechou em US\$ 20 pela primeira vez desde 2002, queda de 25%.

Para a indústria, a queda do preço do Petróleo afeta favoravelmente os custos, em que pese esses benefícios fiquem diminuídos pelo fator cambial. Acreditamos que nos próximos 6 meses o preço apresente recuperação parcial com a retomada na demanda. Porém, abaixo dos US\$ 60,00 pré-crise. Períodos de recessão global afetam diretamente as *commodities* energéticas.

Confiança da indústria gaúcha desaba em abril

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) recuou 28,3 pontos ante março, para 32,7. A intensidade da queda e o patamar da confiança em abril são inéditos, na série iniciada em janeiro de 2010. Desde então, os maiores choques negativos na confiança aconteceram em fevereiro de 2015 (-7,1 pontos) e em junho de 2018 (-6,2 pontos). De zero a 100, valores abaixo de 50 mostram falta de confiança.

O índice de condições atuais caiu de 55,9 em março para 33,6 pontos em abril. Desde julho de 2019, os empresários gaúchos não percebiam piora (índice abaixo de 50) nas condições dos negócios e desde maio de 2016 ela não era tão intensa. O índice que avalia a economia brasileira sofreu o maior ajuste: de 55,4 para 30,8 pontos. Entre março e abril, a parcela de empresários que percebiam piora na economia subiu de 16,1% para 66,0%. As condições das empresas também se deterioraram bastante no período, com o índice caindo de 56,1 para 35,1 pontos.

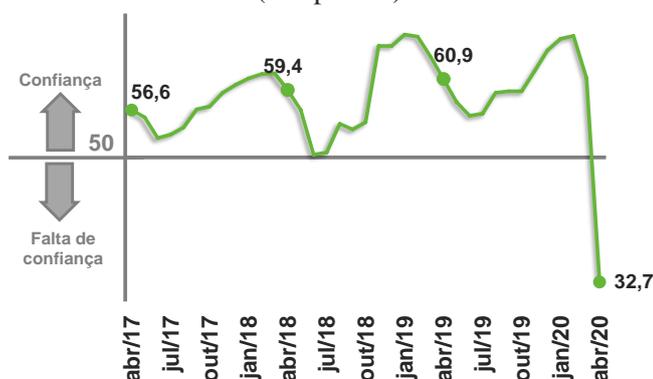
Com relação aos próximos seis meses, o recuo do indicador de expectativas também foi recorde, de 63,6 para 32,3 pontos, voltando à região de pessimismo (abaixo de 50) pela primeira vez desde maio de 2016 e para um patamar sem precedente histórico. O recuo foi especialmente forte no componente relativo à economia brasileira, que caiu 31,3 pontos em relação a março, atingindo 26,8 em abril, com apenas 5,4% dos empresários otimistas. Eram 52,5% em março. Já o

pessimismo alcançou 78,4% dos empresários em abril. As expectativas com as próprias empresas também sofreram um choque, com o indicador caindo de 64,8 para 35,1 pontos.

O mês de março já havia mostrado os impactos iniciais da pandemia mundial na confiança, mas a chance real de recessão profunda, com o isolamento social e a paralisação da produção, levou o pessimismo a níveis sem precedentes.

Nesse sentido, o panorama para a indústria gaúcha, descrito pelo ICEI/RS, é de voltar, inevitavelmente, a um novo ciclo recessivo nos próximos meses. A intensidade dependerá, a despeito dos programas de apoio do governo, da duração das medidas restritivas e de como será a retomada da atividade.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Crise derrubou indústria gaúcha em março e perspectivas são pessimistas

A Sondagem Industrial do RS de março e do primeiro trimestre de 2020, realizada pela FIERGS, mostrou que a pandemia abalou a indústria gaúcha.

O indicador de produção ficou em 30,5 pontos em março. Esse valor evidencia uma contração mensal inédita. Já o indicador de emprego registrou o pior resultado para um mês de março: 44,2 pontos no mês. Os dois índices variam de 0 a 100 pontos, abaixo de 50 indicam queda ante o mês anterior.

A ociosidade na indústria gaúcha também disparou em março. A utilização da capacidade instalada (UCI) caiu para 59,5%, patamar inédito para o mês.

Com a parada na produção, os estoques de produtos finais nunca ficaram em níveis tão abaixo do planejado pelas empresas. O índice que os medem atingiu 45,8 pontos em março, o menor já apurado para o mês.

Com 40,4% e 40,0% das respostas, a demanda interna insuficiente e a taxa de câmbio foram os dois maiores problemas enfrentados pela indústria gaúcha no primeiro trimestre de 2020. A taxa de câmbio quase dobrou o percentual observado no trimestre anterior: 20,6%. Diante da intensidade da crise, a elevada carga tributária, que normalmente lidera esse *ranking*, ficou em terceiro lugar, com 38,7% das respostas.

Nesse cenário, as condições financeiras das

empresas também se agravaram no primeiro trimestre de 2020. Os indicadores de satisfação com as margens de lucro (35,0 pontos) e com as condições financeiras das empresas (40,8) registraram quedas recordes ante o trimestre anterior, demonstrando, com valores abaixo dos 50 pontos, a insatisfação dos empresários. Já o indicador de acesso ao crédito recuou para 36,1 pontos, ficando mais ainda difícil. Para piorar, o indicador de preços das matérias-primas (64,0 pontos) no primeiro trimestre de 2020, revela, bem acima dos 50 pontos, forte alta nos preços em relação ao mês anterior.

Os impactos da crise tendem se agravar. Os indicadores de expectativas para os próximos seis meses desabaram e atingiram valores sem precedentes em abril. Isso significa que os empresários projetam queda expressiva para a demanda (29,2 pontos), inclusive para as exportações (31,3), para as compras de matérias-primas (31,6) e, como consequência, para o emprego (33,2). Em abril, 61,4% das empresas pretendiam demitir no próximos seis meses.

Os investimentos da indústria gaúcha também devem sofrer grande contração. O índice de intenção de investir caiu 24,9 pontos ante março, para o menor valor da série, 30,2 em abril, mês em que 77,8% afirmaram não ter intenção.